



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LORRANE RIBEIRO DE SOUZA

**A FORMAÇÃO DE SOBRADINHO (DF): A PRIMEIRA DÉCADA DA CIDADE  
NOS REGISTROS DA IMPRENSA (1960-1969)**

BRASÍLIA

2020



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**A FORMAÇÃO DE SOBRADINHO (DF): A PRIMEIRA DÉCADA DA CIDADE  
NOS REGISTROS DA IMPRENSA (1960-1969)**

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para obtenção do grau de Licenciatura em História, sob a orientação do Prof. Dr. Kelerson Semerene Costa.

BRASÍLIA

2020



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Kelerson Semerene Costa  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Luiz Paulo Ferreira Nogueiról - HIS/IH/UnB

---

Prof. Dr. Deusdedith Alves Rocha Júnior- SEDF

Data da Defesa: 17 de Fevereiro de 2020

BRASÍLIA  
2020

## RESUMO

A monografia realizada pretende contribuir para preencher uma lacuna na história de Brasília. Com intenção de aprofundar a história local da capital do Brasil. Foi escolhida a cidade satélite de Sobradinho, criada do desejo de se implantar no Distrito Federal uma cidade tipicamente rural e também da necessidade de receber moradores retirados de acampamentos de trabalhadores, como a Vila Amaury, que foram demolidos, além de funcionários públicos e outros moradores que não teriam condições de residir no Plano Piloto. Dessa forma, a cidade teve sua criação entrelaçada à necessidade da moradia. Sobradinho foi uma das poucas cidades satélites planejadas pelo governo. Sendo o principal objetivo da pesquisa caracterizar os primeiros moradores de Sobradinho, juntamente com suas principais reivindicações no âmbito da moradia, infraestrutura, transporte, segurança, saúde pública, educação e cultura, ao longo do período de 1960-1969, tendo como base matérias publicadas no Correio Braziliense. Na década de 1970, o problema da moradia continuava: Sobradinho se deparou com a invasão do Ribeirão da cidade, problema que só foi solucionado com o projeto Promorar Brasília (1983), projeto que teve como finalidade a venda de lotes urbanizados ao invasor residente da Invasão do Ribeirão e do lixão de Sobradinho.

Palavras chaves: Sobradinho, Brasília e habitação.

## ABSTRACT

The monograph intends to fill a gap in the history of Brasília. The intention is to deepen into the local history of the capital of Brazil. The satellite city of Sobradinho was chosen, created from the desire to establish itself in the Federal District a typically rural city and also the need to receive residents removed from workers' camps, such as Vila Amaury, which were demolished, in addition civil servants and other residents who would not be able to reside in the Pilot Plan. Thus, the city had its creation intertwined with the need for housing. Sobradinho was one of the few satellite cities planned by the government. The main objective of the research is to characterize the first residents of Sobradinho, along with their main claims in the field of housing, infrastructure, transportation, safety, public health, education and culture, throughout the period of 1960-1969, based on matters published in *correio Braziliense*. In the 1970s, the housing problem continued: Sobradinho came across the invasion of Ribeirão from the city, a problem that was only solved with the Promorar Brasília project (1983), a project that aimed to sell urbanized lots to the resident invader invasion of Ribeirão and sobradinho dump.

Key words: Sobradinho, Brasília, housing

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>7</b>
<b>Capítulo I – Moradia e infraestrutura .....</b>	<b>10</b>
<b>1. Moradia .....</b>	<b>10</b>
<b>2. Infraestrutura: energia elétrica, pavimentação e arborização.....</b>	<b>16</b>
<b>Capítulo II – Transporte e segurança .....</b>	<b>19</b>
<b>1. Transporte público .....</b>	<b>19</b>
<b>2. Segurança pública .....</b>	<b>21</b>
<b>Capítulo III – Saúde pública, educação e cultura .....</b>	<b>25</b>
<b>1. Saúde Pública.....</b>	<b>25</b>
<b>2. Educação e Cultura .....</b>	<b>28</b>
<b>3. A escola e a cultura .....</b>	<b>30</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>35</b>
<b>Fontes e Referências.....</b>	<b>38</b>

## LISTA DE SIGLAS

<b>CB</b>	Correio Braziliense
<b>CEF</b>	Caixa Econômica Federal
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>NOVACAP</b>	Companhia Urbanizadora da Nova Capital
<b>SAMDU</b>	Serviço de Atendimento Médico de Urgência
<b>SHEB</b>	Serviços de Habitações Econômicas de Brasília
<b>SHIS</b>	Sociedade de Habitação de Interesse Social
<b>TCB</b>	Sociedade de Transportes Coletivos de Brasília
<b>UISS</b>	Unidade Integrada de Saúde de Sobradinho
<b>UnB</b>	Universidade de Brasília

## INTRODUÇÃO

O trabalho desenvolvido aborda a trajetória da cidade de Sobradinho – DF nos anos de 1960 a 1969, quando se iniciou, e para aprofundamento foi tratando do desenvolvimento de questões básicas ligadas à construção e à urbanização da cidade, como a infraestrutura, a moradia, o atendimento em saúde, o transporte público, a segurança, a educação e a cultura. Pesquisar sobre este período deu-se pelo fato de serem os anos iniciais da cidade.

O interesse em estudar sobre o desenvolvimento da cidade foi uma questão pessoal. Por nascer e ter crescido em Sobradinho, dei-me conta de que não conhecia nada sobre o local de onde eu morava, não tinha conhecimento sobre o processo de desenvolvimento da cidade, sobre os primeiros moradores da região, e principalmente, por ter percebido a importância da história local.

No interesse de conhecer mais sobre a minha cidade natal, busquei trabalhos acadêmicos que pudessem me orientar como poderia iniciar a minha pesquisa, mas não obtive resultados satisfatórios, poucas foram as informações sobre o meu estudo.

Para compor o meu estudo, pesquisei, principalmente, nos arquivos do jornal Correio Braziliense, disponíveis no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, pois não havia mais arquivos disponíveis que pudessem responder às minhas indagações, somente o jornal. Pude analisar toda a trajetória da cidade por meio de notícias disponibilizadas pelo veículo de comunicação citado, e por acréscimo o fundo Yvonne Jean do Arquivo Público do Distrito Federal, matérias que foram publicadas por ela no Correio Braziliense.

A metodologia que utilizei para desenvolver o meu trabalho foi análise documental e bibliográfica e desenvolvi uma descrição do processo de formação da cidade de Sobradinho por meio da leitura desse jornal. O objetivo geral do meu estudo é analisar o processo de formação da cidade de Sobradinho em sua primeira década, e os objetivos específicos são: conhecer os motivos pelos quais foi criada a cidade; verificar quais eram as necessidades que a população da cidade solicitava; observar como os responsáveis pela administração da cidade respondiam às necessidades da população.

Segundo Vasconcelos (1988), o local para a construção de Sobradinho foi escolhido pelo engenheiro Inácio de Lima Ferreira, do Departamento de Terras e



Agricultura da Novacap, que elaborou o primeiro projeto. Um segundo projeto foi elaborado pelo urbanista Paulo Hungria Machado, da equipe de Lúcio Costa, mas foi executado por Inácio de Lima Ferreira. As obras se desenvolveram com recursos do Departamento de terras e Agricultura e ao longo do ano de 1959 e início de 60.<sup>1</sup>

Foi no dia 3 de março de 1960 que a cidade recebeu os primeiros moradores, sendo que até julho chegavam, por dia, em média 30 famílias, totalizando, mais ou menos, 1000 pessoas.

Como a cidade estava crescendo, a população realizou reivindicações sobre as condições que eram necessárias para morarem, como: moradia, escolas, transportes, segurança, infraestrutura, que se estenderam ao longo dos anos. Mesmo que os governantes buscassem responder aos pedidos, aumentava de maneira considerável o número de pessoas na cidade, com isso, os problemas também aumentavam. A falta de infraestrutura, atendimento médico, a segurança ficou abalada com a marginalidade, a educação carecia de um olhar diferenciado e tantos outros fatores que colaboravam para se ter uma cidade acolhedora e confortável.

No ano de 1966, foi realizado levantamento de dados, pelos alunos da UnB, que culminaria em um programa de saúde para a comunidade. Dessa forma: Sobradinho tinha 18 quadras, uma delas destinada à Administração da cidade, conhecida como quadra Central. As 18 quadras existentes compreendem um total de 7.432 áreas para diversos fins, dos quais 6.099 se destinavam a lotes residenciais. Segundo o levantamento feito pela Administração Regional em maio de 1966, habitavam em áreas urbanas cerca de 25.438 pessoas. Na zona rural o levantamento indicou 2.900 habitantes.<sup>2</sup>

Entretanto, o censo demográfico realizado pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, realizado no ano de 1970, final do período considerado neste trabalho, demonstrou o quanto a população da cidade cresceu: possuía 42.553 habitantes.

Para melhor organizar o trabalho, foi dividido em três capítulos: Moradia e infraestrutura; Transporte e segurança e Saúde pública, educação e cultura, apresentando

---

<sup>1</sup> As Cidades Satélites de Brasília, p. 153 (1988)

<sup>2</sup> MEIRA, Affonso Renato. Levantamento Geral da 5ª Região Administrativa do Distrito Federal. Universidade de Brasília, faculdade de ciências médicas. (1966)

de maneira sucinta a trajetória do desenvolvimento da cidade dentro do período de interesse.

## Capítulo I – Moradia e infraestrutura

### 1. Moradia

A cidade de Brasília foi construída com a mão de obra de pessoas de outras regiões do Brasil, principalmente, do Nordeste, que são chamadas de candangos. Diante da necessidade de abrigar esses cidadãos, juntamente com suas famílias, foram criados acampamentos provisórios, que assim, que concluíssem as obras, seriam demolidos, mas muitos desses acampamentos permaneceram e se desenvolveram, como foi o caso do Núcleo Bandeirante e a Vila Planalto. Os acampamentos que foram demolidos e os moradores foram levados para cidades satélites, como Sobradinho, Ceilândia e Taguatinga, localizadas em sítios originários do período colonial.

Mas outros acampamentos foram demolidos e seus moradores foram removidos para as novas cidades que estavam em construção. Em setembro de 1960, Ernesto Silva, diretor da Novacap – empresa criada em 1956, por Juscelino Kubitschek, para cuidar da construção de Brasília - informou que havia 7.270 casebres, abrigando cerca de 43 mil favelados, dispersos entre o Núcleo Bandeirante, IAPI, vilas Amaury, Tamboril, Matias e Dimas. Por isso, para ele era “inadiável a construção das cidades-satélites de Taguatinga e Sobradinho”. Cada uma delas deveria ter 50 mil habitantes, ao custo de um bilhão e noventa e quatro milhões de cruzeiros em investimentos públicos.<sup>3</sup>

Conforme monografia de Gleison Fernando Lima Cordeiro (2009, p. 24), “O processo de desapropriação da vila Amaury”, os moradores, sob liderança de Amaury de Almeida, fizeram reivindicações para que a Novacap autorizasse a transferência dos habitantes para algumas das cidades satélites; como resultado das reivindicações foram transferidos para a cidade satélite de Sobradinho.

Segundo Adirson Vasconcelos (1988, p.157):

“Surgiu o problema dos moradores da Vila Bananal-Amauri, cujas casas seriam invadidas pelas águas do lago Paranoá, que subiria contra o acampamento, próximo à Vila Planalto. Por isso em 03 de março de 1960 eram transportadas para Sobradinho as primeiras famílias que ocuparam os primeiros lotes da cidade.”(VASCONCELOS, p. 157, 1988)

---

<sup>3</sup> Correio Braziliense, n.122, 11 de Setembro de 1960, p.07, Segundo Caderno.

Segundo o Correio Braziliense,<sup>4</sup> em maio de 1960, já existiam algumas casas e estabelecimentos comerciais de alvenaria, mas também, tinham construções feitas de madeira que era aproveitada de outras obras, fornecida pela Novacap, gratuitamente. Dentro do espaço ocupado, havia 3.049 lotes, sendo 126 deles comerciais, industriais e residenciais. Foi realizado um levantamento dos lotes comerciais e residenciais,<sup>5</sup> para verificar o que faltava na cidade: o nivelamento das ruas de construção do prédio da prefeitura, instalação paralela das redes d'água e esgoto, estação rebaixadora para fornecimento de energia elétrica e rede de distribuição.

Nessa mesma época, segundo Adirson Vasconcelos,<sup>6</sup> uma média de 30 famílias eram diariamente transferidas entre junho e julho, quando a população já era de mil pessoas. Havia, também, demanda para que moradores da Cidade Livre fossem transferidos para Sobradinho, pois a cidade de Taguatinga, que recebia esses moradores, já não tinha mais lotes demarcados.<sup>7</sup> Para acomodar melhor essas famílias, foram distribuídas casas de madeira pré-cortadas para Sobradinho, Taguatinga, Paranoá, Gama e Planaltina.<sup>8</sup>

Em matéria, o Correio Braziliense<sup>9</sup> informa que a SHEB, Serviço de Habitações Econômicas de Brasília, construiu em julho 44 casas modernas em Sobradinho. A reportagem informa haver em Brasília 45.000 favelados e que não resta a menor dúvida de que a construção dessas casas em Sobradinho é de suma importância para a capital.

Com o crescimento da cidade, os moradores de Sobradinho, sendo pessoas ativas dentro da sua comunidade, fizeram uma comissão e lançaram um manifesto, onde informavam que o subprefeito mal aparecia na cidade e convocavam o público para um pleito, caso noticiado em setembro de 1961, no Correio Braziliense.<sup>10</sup> Dessa forma, pediam eleição para um novo subprefeito, na qual as sedes das entidades populares deveriam funcionar como postos para que a população colocasse os nomes de quem deveria assumir a prefeitura, e no manifesto, também apontavam para as seguintes reivindicações:

- A liberação de normas e modelos de plantas para a construção definitiva;

---

<sup>4</sup> Correio Braziliense, n. 28, 22 de Maio de 1960, p. 07

<sup>5</sup> Correio Braziliense n.335, 01 de junho de 1961, p. 08

<sup>6</sup> Cidades Satélites, 1988 p.157.

<sup>7</sup> Correio Braziliense, n.88, 02 de Agosto de 1960 p.08

<sup>8</sup> Correio Braziliense, n 128, 18 de Setembro de 1960, p. 08

<sup>9</sup> Correio Braziliense n.981, 30 de Julho de 1963, p.08

<sup>10</sup> Correio Braziliense n 425, 16 de setembro de 1961, p.07

- O fornecimento de contrato dos lotes de Sobradinho;
- Melhorias de transporte coletivo ligando Sobradinho ao Plano Piloto;
- Obras públicas da Novacap estendendo-se a abertura de vagas de emprego.

Apesar desse manifesto de iniciativa dos moradores, não foi noticiado no ano de 1961 nada referente a solicitação de troca do subprefeito da cidade de Sobradinho. Levando a supor que o clima de insatisfação da população continuava na cidade.

De acordo com o colunista Hindemburgo Pereira, por essa época a cidade tinha uma população de 20 mil pessoas, e o projeto estava se desenvolvendo na medida do possível. Outra matéria, de autoria de Flávio Paiva, era intitulada "Sobradinho apesar de abandonada é ainda a cidade melhor planejada",<sup>11</sup> reforçando a ideia colocada por Hindemburgo de que o plano da cidade era bom, apesar de que "os trabalhos se arrastam em uma morosidade enervante e desanimadora", obras estas que eram indispensáveis para a população. Na matéria de Flávio Paiva são citados, como exemplos, as ruas afastadas, falta de escola e assistência médica deficiente; e, em sua coluna, Hindemburgo fala em "descaso das autoridades municipais com a cidade".

Uma das principais reivindicações dos moradores de Sobradinho foi expressa em matéria escrita por Hindemburgo Pereira, em agosto de 1963: a regularização dos lotes, pois até aquele momento, a Companhia Urbanizadora não se dispusera a assinar as escrituras, ficando os compradores dos lotes sem qualquer documento que comprovasse a propriedade.<sup>12</sup>

Em 1964, observa-se um aumento dos registros de entrega de casas. Segundo o Correio Braziliense, foram entregues pela Novacap 19 casas aos candidatos que estavam inscritos para a aquisição desses imóveis. Mais 44 unidades ficariam concluídas para distribuição até o final do mês de janeiro.<sup>13</sup> Na edição 1.123 (1964, p.8), o jornal trata das moradias destinadas aos servidores públicos:

Dentro de dois anos segundo plano do Prefeito Ivo Magalhães, todos os servidores da prefeitura, Novacap e Fundações terão residências condignas para seus familiares. O fundo habitacional dos servidores de Brasília, criado pelo decreto nº 254 de 5 de novembro de 1963. Com isso visa-se dar moradias a todos os nossos funcionários.

<sup>11</sup> Correio Braziliense n.482, 24 de Novembro de 1961, p.07

<sup>12</sup> Correio Braziliense n.984, 02 de Agosto de 1963, p.04

<sup>13</sup> Correio Braziliense n.1118, 11 de Janeiro de 1964, p.03

Nesse cenário, muitas foram as matérias escritas sobre entregas de casas pela Novacap e pela SHEB. Em março, entregaram 43 casas; em maio 50 casas; o fundo habitacional entregou 195 casas, em junho. No mesmo mês, 256 casas estavam destinadas a servidores da prefeitura de Brasília; o conjunto em Sobradinho foi construído pela Caixa Econômica Federal, em terrenos que foram vendidos pela SHEB.<sup>14</sup>

No ano de 1965, em janeiro, foi divulgado<sup>15</sup> pelo Correio Braziliense, que seriam construídas, dentro de 60 dias, moradias para os funcionários da Caixa Econômica Federal. O conjunto, que recebeu o nome de General Xexeu, deu um aspecto de progresso para a cidade e também a proporcionou a ocupação de mão de obra ociosa, de acordo com o jornal, e foi entregue em agosto de 1965 para os funcionários da Caixa, para pagamento em 48 vezes.

Além das casas que foram entregues para os funcionários da CEF, os servidores da Prefeitura do Distrito Federal também já haviam recebido mais de cem residências, que foram entregues pelo SHEB, construídas em um lugar já urbanizado. Ainda em 1965, foram entregues mais 107 casas, com três dormitórios, destinadas aos funcionários da Prefeitura e da Novacap, dentro do plano habitacional do Prefeito Plínio Cantanhede.<sup>16</sup>

No mesmo ano, a SHEB pretendia construir 750 casas, na Quadra 01 de Sobradinho, “isso para não interromper o plano de construir dez mil casas em Brasília no ano em curso, enquanto não se decide onde construiremos no Plano Piloto.”<sup>17</sup>

Funcionários públicos do Ministério da Educação e Cultura também poderiam se candidatar para receber uma casa na cidade de Sobradinho, dentro do plano de moradia do Ministério. A seleção era organizada pela Comissão instituída pelo ministro Flavio Lacerda,<sup>18</sup> titular da pasta da Educação e Cultura, responsável pela ação e dirigente do órgão.

A construção das casas nem sempre era acompanhada da infraestrutura necessária. Segundo a SHEB, a urbanização das áreas das casas construídas em Sobradinho era

---

<sup>14</sup> Correio Braziliense n.1189, 06 de Agosto de 1964, p.06

<sup>15</sup> Correio Braziliense, n.1433, 24 de janeiro de 1965, p.08

<sup>16</sup> Correio Braziliense, n. 1582, 28 de julho de 1965, p.08

<sup>17</sup> Correio Braziliense, n.1464, 04 de março de 1965, p.04

<sup>18</sup> Correio Braziliense, n. 1461, 26 de fevereiro de 1965, p.08

trabalho da Novacap, entretanto já haviam solicitado providências para que a população não ficasse sem água.

Em 07 de janeiro de 1966, o Correio Braziliense noticiou que os projetos das casas que a SHEB iria construir na cidade de Sobradinho e no Setor de Indústria e Abastecimento, quatro mil no SIA e 276 em Sobradinho, haviam sido reprovados pelo Conselho de Arquitetura do Banco Nacional da Habitação. No entanto, no dia 21 do mesmo mês, o jornal informava que, naquele dia, começariam a ser construídas, em Sobradinho, 237 casas, edificadas pela SHEB através de financiamento do Banco Nacional de Habitação, unidades que faziam parte do plano de construção de 637 casas.<sup>19</sup> Em fevereiro, a Novacap sorteou a entrega de casas para seus funcionários; em Sobradinho foram entregues 102 residências.<sup>20</sup>

Em março, começou a construção de 600 casas em Sobradinho, sendo 453 que seriam construídas sob responsabilidade da construtora Sotrena e 147 casas de responsabilidade da construtora IRFASE, com prazo de 120 dias para a entrega dos imóveis.<sup>21</sup>

Em abril de 1966, o presidente da Novacap, engenheiro Jose Luiz Pinto, liberou os terrenos que seriam utilizados para a construção das 400 casas que faziam parte do plano das 623 unidades residenciais.<sup>22</sup> E cem casas populares foram entregues pela Caixa Econômica Federal de Brasília, para o povoamento da cidade de Sobradinho, casas com três quartos, cozinha e banheiro. Essas casas faziam parte de um convênio entre o MEC e a Caixa Econômica para a construção de 495 casas e apartamentos na cidade, no Plano Piloto e no Lago, a serem vendidos a servidores do Ministério, com financiamento pelo banco a ser pago em 15 anos.<sup>23</sup>

A Caixa Econômica Federal de Brasília também construiu casas para seus funcionários. No mês de outubro de 1968, a Caixa assinou um contrato com a firma Ausoni Industrial Comercial para a construção de 53 casas para os seus servidores, tendo como prazo para a entrega 12 meses.<sup>24</sup>

---

<sup>19</sup> Correio Braziliense, n.1735, 28 de janeiro de 1966, p.08

<sup>20</sup> Correio Braziliense, n.1752, 17 de fevereiro de 1966, p.09

<sup>21</sup> Correio Braziliense, n.1760, 01 de março de 1966, p.08

<sup>22</sup> Correio Braziliense, n.1787, 01 de abril de 1966, p.08

<sup>23</sup> Correio Braziliense, n.1787, 01 de abril de 1966, p.08

<sup>24</sup> Correio Braziliense, n. 2714, 20 de outubro de 1968 p.10

Em maio de 1967, foi divulgado que começaria a construção 100 casas na cidade de Sobradinho, destinadas aos servidores do Ministério da Educação. No mês de junho, começou a ser verificado o abandono das casas populares construídas pela SHIS – Sociedade de Habitação de Interesse Social, novo órgão do governo do DF para a política de moradias - na Quadra 01, pois a responsável pela construção, a empreiteira Sotrena, não teve condição de concluir as obras. Com isso, os moradores do "Morro do Urubu", que há mais de um ano haviam sido retirados de suas antigas moradias para a construção das casas populares, que eles mesmos deveriam ocupar, reclamavam contra o abandono em que se encontravam; segundo a matéria do Correio, eram mais de 60 famílias que contavam apenas com quatro torneiras para o fornecimento de água.<sup>25</sup>

O atraso no pagamento das prestações das casas também era muito frequente, pois o Departamento Imobiliário da cidade solicitava o pagamento na data certa e passou a cobrar juros dos moradores (que antes não eram cobrados) para inibir os atrasos. Os moradores de Sobradinho que estivessem com suas prestações atrasadas poderiam ter seus contratos cancelados se não saldassem seus débitos com urgência.<sup>26</sup>

Esses atrasos eram devidos, provavelmente, ao baixo poder aquisitivo da maioria da população da cidade. Na mesma edição que informa sobre a cobrança dos juros de moradia, o jornal também afirma o seguinte: “Já se pode requerer a ligação de esgotos em Sobradinho, felizmente! O que não se pode fazer é ligar. E, o porquê, é a dificuldade que se encontra para pagar a taxa de ligação”. Outro exemplo é que, em março de 1969, foram entregues ao Ministério das Minas e Energia 171 casas, mas os funcionários não ocuparam as residências: preferiam continuar em seus barracos, dada a incompatibilidade entre seus níveis salariais e o aluguel que era pago ao ministério. Por isso, seria estabelecido um novo cronograma habitacional que desse condições aos funcionários para ocuparem as moradias.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> Correio Braziliense n.2158, 22 de junho de 1967, p.13

<sup>26</sup> Correio Braziliense n.2203, 13 de agosto de 1967, p.08

<sup>27</sup> Correio Braziliense n.2839, 20 de março de 1969, p.03



## 2. Infraestrutura: energia elétrica, pavimentação e arborização

O crescimento e a urbanização de Sobradinho envolveram também aspectos como a infraestrutura da cidade, energia, asfalto, arborização, o transporte, a saúde e a segurança pública.

Por isso, nem sempre, para os moradores, a entrega das casas solucionava todos os problemas. Por exemplo, em agosto de 1966, moradores do conjunto que foi construído pela SHEB na Quadra 16 de Sobradinho compareceram à redação do Correio Braziliense para denunciar as más condições das casas e dos serviços públicos: faltava iluminação pública, a água, que era fornecida por um caminhão-pipa e paga pelos moradores, só era entregue aos que dispusessem de depósitos apropriados, e nem todos tinham recursos para isso; a poeira tomava conta das residências, pois o asfaltamento ainda não havia sido concluído; na maioria das casas, tetos e paredes estavam rachando. Não havia telefone público e o mais próximo ficava a três quilômetros de distância.<sup>28</sup> Segundo pessoas entrevistadas pela reportagem do Correio Braziliense, em outra ocasião, as casas construídas pela SHEB eram autênticos cubículos suficientes apenas para famílias pequenas.

Mas, em novembro do mesmo ano, em contraste com as reclamações dos moradores, uma matéria, publicada com a seguinte chamada: “Sobradinho é uma cidade privilegiada; tem água, esgotos e ruas asfaltadas”,<sup>29</sup> reproduzia o balanço feito pelo administrador, Joel Paes, da situação da cidade naquele momento. O administrador afirmava, por exemplo, que um serviço de abastecimento de água previsto para 60.000 mil pessoas e só atendia apenas 28.000 habitantes, com 80% da tubulação de esgotos concluída, um terço das avenidas e ruas asfaltadas e apenas 30% de ligações elétricas foram executadas. De acordo com o administrador, 236 residências eram destinadas aos funcionários da Novacap e da Prefeitura do Distrito Federal, 176 casas da Caixa Econômica, 96 da SHEB e 20 do DNOCS. Além disso, estava prevista a construção de outras 1002 residências da Novacap, SHEB e Caixa Econômica.

Porém, a população continuou a ter motivos para reclamar. Em abril de 1969, os moradores da Quadra 2, Setor Caixa Econômica, enviaram um memorial para o administrador regional, Mauro Renan Bittencourt, contendo inúmeras reivindicações,

---

<sup>28</sup> Correio Braziliense, n. 1913, 28 de agosto de 1966, p.08

<sup>29</sup> Correio Braziliense, n. 1980, 19 de novembro de 1966, p.09

consideradas de urgência: extensão da rede de iluminação pública, construção de dois abrigos de ônibus, remoção de montes de terra espalhados em todo o setor das valas causadas pelas erosões e outros.<sup>30</sup>

A falta de energia em Sobradinho, principalmente nos primeiros anos, afastava seus moradores do progresso que a instalação de indústrias traria,<sup>31</sup> afetava o lazer dos moradores que tinham medo de sair à noite; afetava também o funcionamento do hospital, delegacia e escolas. O Correio Braziliense publicou sobre a situação e o andamento da instalação de energia elétrica na cidade: nos primeiros meses de 1962, faltavam materiais para concluir os trabalhos iniciados<sup>32</sup> e havia mais de 200 pedidos de ligações.<sup>33</sup> Dessa forma, assim que estivesse concluída a instalação de energia elétrica, a prioridade seria o atendimento imediato aos hospitais, escolas, correio e subprefeitura com seus departamentos.<sup>34</sup> Segundo o Correio Braziliense, no início de 1963, apenas 10% de uma população de 22 mil habitantes participava desse benefício. Isto porque a cidade precisava de 54 transformadores e só tinha sete.<sup>35</sup>

Quanto ao asfaltamento da cidade, a COANGE era a companhia responsável pelo serviço, que, segundo o Correio Braziliense, retirou as máquinas das ruas, informando que logo iriam reiniciar os trabalhos na região.<sup>36</sup> Matéria publicada em abril de 1962 informa que havia um plano a ser seguido, traçado pela assessoria técnica de Sobradinho. Segundo a reportagem, só estavam aguardando passar o tempo de chuva para recomeçar os trabalhos,<sup>37</sup> mas não aconteceu, pois o departamento de viação e obras da prefeitura do DF, com os seus demais órgãos, não dispunha de verbas para asfaltar um palmo da cidade, segundo o jornal.<sup>38</sup> O asfaltamento da cidade aconteceu pouco a pouco e foram muitas as reclamações de moradores sobre esse problema.

Em fevereiro de 1962, serviço de arborização de Sobradinho já havia se iniciado pelas ruas da localidade e pelo ajardinamento das praças,<sup>39</sup> serviço que recebeu elogios pelo progresso apresentado em matéria publicada no mesmo mês fevereiro.<sup>40</sup> O único obstáculo que atrapalhou a arborização da cidade foi o roubo das plantas, registrados em

---

<sup>30</sup> Correio Braziliense, n.2856, 10 de abril de 1969, p.07

<sup>31</sup> Correio Braziliense n.639, 08 de Junho de 1962, p.06

<sup>32</sup> Correio Braziliense n.533, 26 de Janeiro de 1962, p.08

<sup>33</sup> Correio Braziliense n.543, 07 de Fevereiro de 1962, p.05

<sup>34</sup> Correio Braziliense n.549, 14 de Fevereiro de 1962, p. 05

<sup>35</sup> Correio Braziliense n.826, 22 de Janeiro de 1963, p.05

<sup>36</sup> Correio Braziliense n. 538, 01 de Fevereiro de 1962, p.05

<sup>37</sup> Correio Braziliense n.585, 10 de Abril de 1962, p.06

<sup>38</sup> Correio Braziliense n.644, 14 de Junho de 1962, p.06

<sup>39</sup> Correio Braziliense n.539, 02 de Fevereiro de 1962, p.05

<sup>40</sup> Correio Braziliense n.551, 16 de Fevereiro de 1962, p.07

duas matérias publicadas no mês de maio. Na primeira, o Sr. João Carneiro de Abreu, que era o encarregado do serviço de arborização, informou o roubo de 60 mudas de plantas e pedia providências por parte das autoridades;<sup>41</sup> na outra, também relatava roubos de mudas por malfeitores, e a necessidade de providências para esses casos.<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> Correio Braziliense n.616, 11 de Maio de 1962, p.06

<sup>42</sup> Correio Braziliense n.626, 23 de Maio de 1962, p.06

## Capítulo II – Transporte e segurança

### 1. Transporte público

Apesar de a cidade já contar com um sistema de transporte, foram noticiadas diversas reclamações no Correio Braziliense<sup>43</sup> sobre como a empresa Brasil Ltda. estaria sendo irresponsável ao atender a população. Os moradores se mostravam revoltados pelos poucos ônibus, o excesso de passageiros, além da falta de cortesia dos funcionários da empresa. Resultado dessas reclamações frequentes por parte dos moradores, foi noticiado<sup>44</sup> que o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção do Imobiliário de Brasília promoveria, juntamente com a associação dos Servidores da Novacap, uma reunião em área pública e aberta à população, visando solucionar o problema de transporte da cidade.

A cidade era servida por uma linha de ônibus, a Linha Sobradinho, que ia do Núcleo Bandeirante até Sobradinho (via W3), com as seguintes tarifas conforme o trecho percorrido: direto, Cr\$ 30,00 – até o posto da Petrobrás Cr\$ 5,00 – até o final da W-3, Cr\$ 10,00; até o Torto, Cr\$ 20,00 – da W3 ao Torto, Cr\$ 10,00; da W-3 a Sobradinho, Cr\$ 20,00; do Torto a Sobradinho, CR\$ 10,00.<sup>45</sup>

O Correio Braziliense<sup>46</sup> registrou, em janeiro de 1962, o apelo dos moradores de Sobradinho, que pediam para que os ônibus que fizessem a linha entre Sobradinho e o Plano Piloto andassem mais pela cidade, pois a rota que estava fazendo prejudicava os cidadãos no percurso, tendo que andar muito.

O subprefeito Camilo Severino solicitou à empresa TCB para que essa empresa colocasse uma linha de ônibus ligando Sobradinho ao Plano Piloto.<sup>47</sup> O que em março ainda não havia sido resolvido, pois foi divulgado que Sobradinho, segundo o Correio Braziliense,<sup>48</sup> possuía um transporte deficiente e mal organizado. A população sofria esperando horas pelo transporte, que estava sempre lotado, os moradores estavam aguardando o prefeito entrar em contato com a administração da TCB para tentar resolver o problema que só se alastrava. Em maio, os moradores receberam a notícia dada pelo

---

<sup>43</sup> Correio Braziliense, n 104, 20 de Agosto de 1960, p.08

<sup>44</sup> Correio Braziliense n. 207, 25 de Dezembro de 1960, p.6.

<sup>45</sup> Correio Braziliense n. 100, 16 de Agosto de 1960, p.02

<sup>46</sup> Correio Braziliense n.536, 30 de Janeiro de 1962, p.05

<sup>47</sup> Correio Braziliense n.539, 02 de Fevereiro de 1962, p.05

<sup>48</sup> Correio Braziliense n.578, 24 de Março de 1962, p.06

superintendente da TCB que declarou à comissão dos moradores que chegariam mais dez carros para atender a população, entretanto a TCB pediu paciência à população.<sup>49</sup> A empresa só elevou o número de linhas para Sobradinho-Plano Piloto no mês de outubro, quando foram divulgados<sup>50</sup> os horários em que os ônibus iriam passar.

Sobradinho amanheceu no dia 26 de Janeiro de 1965, com a notícia de que os ônibus iriam pernoitar na cidade, o que facilitaria a vida de quem trabalhava no Plano Piloto.<sup>51</sup> Mas, em julho, a população começou a enfrentar o problema de que a circulação dos ônibus pela cidade era limitada, parando apenas em frente à subprefeitura e obrigando os usuários a caminharem por longas distâncias, inclusive à noite, correndo uma série de riscos.<sup>52</sup> Só em dezembro o problema foi solucionado, quando o prefeito Plínio Cantanhede criou a linha que circulava internamente, com a tarifa de Cr\$ 50,00.

Em janeiro de 1966, a população de Sobradinho passou por um sufoco em relação ao transporte, segundo a reportagem do CB, os moradores aguardaram pelo ônibus por 50 minutos para pegarem o transporte lotado.<sup>53</sup> A empresa de ônibus TCB respondeu as reclamações dos moradores sobre as condições do transporte, quando especificou a urgência de contratação de mais fiscais e a colaboração do coordenador para o imediato aproveitamento de carros que estacionavam na Rodoviária.<sup>54</sup>

Em março de 1966, foi divulgado que 20 novos ônibus trafegariam em Brasília, em comemoração do 6º aniversário da capital. O superintendente da TCB, Senhor Manuel José, informou que os novos ônibus iriam servir as cidades satélites, principalmente, Sobradinho que estava com falta de veículos para atender a população, onde os 18 ônibus que havia eram insuficientes.<sup>55</sup>

O problema das más condições do transporte público se estendeu, tanto que foi publicado em junho pelo CB, que a população se encontrava revoltada pelos poucos ônibus que atendiam a população, além de estarem sempre lotados.<sup>56</sup> Em outubro, o jornal apresentou um quadro muito negativo sobre a TCB, afirmando que o Gama, o Núcleo

---

<sup>49</sup>Correio Braziliense n.615, 10 de Maio de 1962, p.06

<sup>50</sup>Correio Braziliense n.759, 30 de Outubro de 1962, p.08

<sup>51</sup>Correio Braziliense, n.1434, 26 de janeiro de 1965, p.08

<sup>52</sup>Correio Braziliense, n.1583, 29 de julho de 1965, p.06

<sup>53</sup>Correio Braziliense n.1714, 04 de janeiro de 1966, p.07, 02º caderno

<sup>54</sup>Correio Braziliense n.1717, 07 de janeiro de 1966, p.07, 02º caderno

<sup>55</sup>Correio Braziliense n.1772, 15 de março de 1966, p.06

<sup>56</sup>Correio Braziliense n.1847, 12 de junho de 1966, p.03

Bandeirante e Sobradinho estavam “ameaçadas de colapso total nos transportes coletivos”. De acordo com o jornal, a TCB não tinha condições de transportar os moradores, pois, dos 137 ônibus, circulavam apenas 88 veículos, sendo que, a cada dia, 20 eram recolhidos, no final da tarde, por apresentar defeitos.<sup>57</sup> Os ônibus estavam em mau estado de conservação, andavam superlotados e atrasados.

O texto escrito por Ari Cunha<sup>58</sup>, jornalista do Correio Braziliense, relatou a situação de Sobradinho quanto ao transporte: "Como o transporte é reduzido, maior número de passageiros toma menor número de ônibus, e a superlotação é a causa de muitos carros parados na estrada." Solução para isso foi os transportes piratas.

Os moradores, representados pelo Grupo Comunitário do Núcleo Bandeirante, Associação Comunitária do Gama e Conselho de Representantes de Sobradinho, enviaram um ofício ao prefeito Wadjô Gomide, afirmando que, dos vários problemas enfrentados nessas cidades, o do transporte coletivo é “o mais crucial” e reivindicando a concessão linhas de ônibus para empresas particulares servirem àquelas cidades, já que, apesar do esforço, a TCB dificilmente conseguia atender as necessidades da população.<sup>59</sup>

## **2. Segurança pública**

Em seu primeiro ano, Sobradinho era uma cidade calma, com poucos moradores, a maioria foi transferida de invasões, como foi dito, acima. Somente dois casos de violência foram noticiados no Correio Braziliense: o caso de um homem bêbado que tentou agredir uma mulher; e o segundo, no qual um homem foi preso (pela 14ª vez) por tentar roubar malas de roupa.

Mas, em 1961, muitas foram as notícias sobre tentativas de saques a comércios, quando centenas de moradores saíram às ruas exigindo que os comerciantes lhes dessem comida de graça. Aconteceram assaltos em armazéns. Eram quase 7 mil pessoas desempregadas, em uma população de 20 mil pessoas. Diante dessa situação, não foi divulgada nenhuma notícia sobre prisão, até porque uma onda muito grande de desemprego se alastrou pela cidade. As autoridades apontavam duas medidas para

---

<sup>57</sup> Correio Braziliense n. 1956, 19 de outubro de 1966, p.09

<sup>58</sup> Correio Braziliense n. 2725, 02 de novembro de 1968, p.03

<sup>59</sup> Correio Braziliense n. 2659, 17 de agosto de 1968, p.12

combater o problema: a retomada das obras públicas pela Novacap e o deslocamento de desempregados para o norte do Paraná.<sup>60</sup>

No setor de segurança, em fevereiro foi noticiado que a delegacia de Sobradinho ganhou carros e lambretas e segundo a subprefeitura local “ observa-se que o 5º Distrito Policial faz um bom serviço em Sobradinho.”<sup>61</sup> Em abril, o policiamento durante os festejos foi alvo de elogios pela matéria do CB; segundo esta, foi graças ao Dr. Guerra, titular da Delegacia Circunscricional de Sobradinho, que mostrou ser um homem ponderado.<sup>62</sup>

A delegacia de Sobradinho estava enfrentando dificuldades para prestar um bom serviço à população, se encontrava sem condições de atender as solicitações dos moradores; em maio, foi noticiado pelo CB que, após as 22 horas, a delegacia não dispunha de nenhuma arma, não tinha luz e faltava verba para comprar querosene para o lampião.<sup>63</sup>

Entre os poucos casos policiais registrados pelo Correio Braziliense na coluna de Ocorrências Policiais, em 1962, consta a prisão de Expedito da Silva, 38 anos, casado e morador de Sobradinho, falso dentista que tinha um consultório dentário, onde fazia obturações e extrações e confeccionava dentaduras.<sup>64</sup> Consta, também, a prisão de Sr. Antônio Severino, um homem embriagado que estava perturbando as pessoas que transitavam nas ruas, falando palavrões.<sup>65</sup>

Em setembro de 1962, a delegacia de Sobradinho ganhou um novo titular, o Sr. Talvano Berredo, que antes dirigia a delegacia de Economia Popular. E segundo os residentes, graças ao novo titular se conseguiu energia elétrica permanente para a delegacia e foi realizada campanha de prevenção contra o abuso do porte ilegal de armas “a fim de evitar fatos que vinham ocorrendo quase diariamente em Sobradinho.”<sup>66</sup>

No ano de 1964, foram publicadas algumas matérias que destacaram a violência em Sobradinho. No mês de janeiro, publicou-se<sup>67</sup> o caso de uma menina de 11 anos que matou o cunhado a facadas, pois o mesmo estava assediando-a. Assim como outro caso

---

<sup>60</sup>Correio Braziliense n.485, 28 de Novembro de 1961, p.08

<sup>61</sup>Correio Braziliense n.538, 01 de Fevereiro de 1962, p.05

<sup>62</sup>Correio Braziliense n.603, 25 de Abril de 1962, p.06

<sup>63</sup>Correio Braziliense n.628, 25 de Maio de 1962, p.05

<sup>64</sup>Correio Braziliense n.650, 21 de Junho de 1962, p.05

<sup>65</sup>Correio Braziliense n.675, 22 de julho de 1962, p.05

<sup>66</sup>Correio Braziliense n.715, 07 de Setembro de 1962, p.05

<sup>67</sup>Correio Braziliense n.1120, 14 de Janeiro de 1964, p.07

que aconteceu em fevereiro: um pedreiro, de nome Alfredo, atendido no SAMDU após ser apunhalado pelas costas por um desconhecido, que fugiu.<sup>68</sup> Um dos casos inusitados ocorreu em março, quando a polícia estava atrás, havia muito tempo, de um homem apelidado como “Papa Orelha”, pois era um perigoso agressor e a todos que atacava deixava uma marca com uma dentada na orelha; na ocasião, foi preso um indivíduo apelidado de Índio, que em uma briga decepou a dentadas a orelha do seu desafeto.<sup>69</sup>

A partir de 1965, são mais frequentes casos de violência com maior gravidade do que a maior parte dos casos registrados nos anos anteriores. Por exemplo, um morador foi atacado a golpes de faca e um funcionário da Caixa Econômica foi assaltado por uma quadrilha que, segundo a polícia, vinha operando nas cidades satélites e levou três mil cruzeiros da vítima.<sup>70</sup> Em maio de 1966, um operário foi agredido a golpes de faca pelo seu companheiro de trabalho, que fugiu depois do ataque. Em outra cena de violência, um morador foi agredido a golpes de faca por seu vizinho.<sup>71</sup> E, por último, um comerciante levou um tiro na coxa direita, alvejado por um desconhecido em frente ao seu estabelecimento.<sup>72</sup> Em maio, deu entrada no hospital Distrital João Camilo, que foi atacado a golpes de faca por um desconhecido, ferido no peito.<sup>73</sup> Em agosto, Odorico Vieira, também foi agredido por um desconhecido a pauladas.<sup>74</sup>

Outro crime ocorreu contra o senhor Francisco Waldir de Souza, funcionário da Fundação Educacional do DF; em maio de 1967, ele foi agredido a facas pelo indivíduo conhecido como "Rio Grande" que fugiu após o delito.<sup>75</sup> Em julho de 1967, um operário morreu por fratura no crânio, agredido a pauladas por um desconhecido.<sup>76</sup> Assaltantes atacaram o Sr. Toínio Valverde, em outubro de 1967, que foi ferido na altura lombar por golpes de faca.<sup>77</sup> Em outubro de 1968, a senhora Maria do Socorro, funcionária do Hospital de Sobradinho, moradora da quadra 16, foi assassinada por arma de fogo pelo próprio esposo que fugiu depois do crime.<sup>78</sup>

---

<sup>68</sup>Correio Braziliense, n.1138, 04 de Fevereiro e 1964, p.07

<sup>69</sup>Correio Braziliense, n.1159, 01 de Março de 1964, p.07

<sup>70</sup>Correio Braziliense, n.1445, 07 de fevereiro de 1965, p.07

<sup>71</sup>Correio Braziliense, n.1513, 05 de maio de 1965, p.05

<sup>72</sup>Correio Braziliense, n.1531, 26 de maio de 1965, p.07

<sup>73</sup>Correio Braziliense n. 1812, 03 de maio de 1966, p.08

<sup>74</sup>Correio Braziliense n.1915, 31 de agosto de 1966, p.08

<sup>75</sup>Correio Braziliense n.2114, 03 de maio de 1967, p.07

<sup>76</sup>Correio Braziliense n.2179, 16 de julho de 1967, 07

<sup>77</sup>Correio Braziliense n.2414, 25 de outubro de 1967, p.08

<sup>78</sup>Correio Braziliense n. 2709, 15 de outubro de 1968, p.09



Em fevereiro de 1966, foram noticiados vários roubos, gerando um total de sete milhões de cruzeiros em objetos de uso pessoal e um milhão em dinheiro, foram arrombadas 14 residências na Quadras 08 e uma na Quadra 09.<sup>79</sup> Em abril, foi preso o professor Ari que seria chefe de uma quadrilha que vinha roubando carros em Sobradinho, e o fruto do roubo seria destinado a construir uma academia de judô.<sup>80</sup>

Em abril do mesmo ano, foi elogiado o trabalho realizado pelo delegado policial Paes Leme da 13ª Delegacia de Polícia de Sobradinho, segundo reportagem "promovendo serviço de ronda em toda jurisdição, está procedendo completo expurgo no meio marginal daquela cidade-satélite."<sup>81</sup>

São muitos os registros de casos ligados a assaltos a residências, casos de agressão as mulheres, homens embriagados causando transtornos à população e assaltos.

---

<sup>79</sup>Correio Braziliense n 1741, 04 de janeiro de 1966, p.08

<sup>80</sup>Correio Braziliense n.1791, 06 de abril de 1966, p.01

<sup>81</sup>Correio Braziliense n 1794, 10 de abril de 1966, p.08

## Capítulo III – Saúde pública, educação e cultura

### 1. Saúde Pública

Desde o início da cidade, o atendimento em saúde foi uma das reivindicações da população de Sobradinho, como a construção imediata de um hospital provisório e a instalação de um posto de Serviço de Atendimento Médico de Urgência (Samdu), com médicos e enfermeiros residentes no local, ainda em maio de 1960.<sup>82</sup>

Segundo Correio Braziliense, o presidente da República era o Juscelino Kubitschek, que visitou a cidade de Sobradinho, juntamente com o prefeito de Brasília, Israel Pinheiro e com o Geraldo Carneiro, seu secretário. Nas palavras do Correio Braziliense, o presidente “levou aos pioneiros da construção da capital a segurança do interesse do governo pelo conforto e bem-estar daqueles que contribuíram com seu trabalho patriótico”.<sup>83</sup> Ele também inaugurou o posto do SAMDU ali construído.

Em setembro, Ernesto Silva, diretor da Novacap, apresentou um orçamento dos gastos hospitalares de maior urgência, dentro da concepção de que Brasília estava crescendo e havia a necessidade de descentralizar esse crescimento para as cidades satélites. No orçamento do setor médico-assistencial, a despesa seria de 250 milhões de cruzeiros ou seja 90 mil reais, para um hospital em Taguatinga, outro em Sobradinho, outro no Gama e para pequenos postos de saúde.<sup>84</sup> Em outubro de 1960, o Correio Braziliense<sup>85</sup>, noticiou a inauguração do hospital de Sobradinho, com capacidade de 20 leitos, serviços de puericultura e hidratação infantil.

Ainda no âmbito da saúde, o Correio Braziliense<sup>86</sup> descreveu o sofrimento da população por não ter no hospital médicos especializados em certas áreas. Estes médicos preferiam trabalhar em lugares que tivessem melhores condições de trabalho, como no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. E a situação estava se agravando, pois foi noticiado<sup>87</sup> em fevereiro, que no hospital estava funcionando apenas o ambulatório, deixando a população carente em outras áreas de atendimento.

---

<sup>82</sup>Correio Braziliense, n. 33, 28 de Maio 1960, p.08

<sup>83</sup>Correio Braziliense, n.50, 18 de Junho de 1960, p.01.

<sup>84</sup>Correio Braziliense, n 122, 11 de Setembro de 1960. Segundo Caderno, p.07

<sup>85</sup>Correio Braziliense, n 142, 07 de Outubro de 1960, p.08

<sup>86</sup>Correio Braziliense n. 218, 07 de janeiro de 1961, p. 06

<sup>87</sup>Correio Braziliense n.247, 10 de fevereiro de 1961, p.08

Apesar dessas duas matérias negativas, a SAMDU recebeu elogios na edição 249 do Correio Braziliense,<sup>88</sup> que descreve os “serviços inestimáveis” à população de Sobradinho. Entretanto, a única ambulância que servia a cidade, se encontrava na oficina, deixando a população em apuros, porque não havia carros para alugar e, mesmo se houvesse a população, sendo pobre, não conseguiria arcar com os gastos. O jornal publicou, também, que, devido a demissões em massa, o governo fechou três postos da SAMDU e ficou só um médico para atender os três postos.

Nesse período, o hospital de Sobradinho recebeu a visita de D Elba, no mês de maio de 1962, a esposa do prefeito do Distrito Federal, Sette Camara, esta que ficou muito horrorizada com a situação do hospital, visualizou “camas feitas de caixote de querosene e pessoas esperando a vez de comer porque só existem alguns pares de talheres”, situação que a fez ligar para o prefeito e pedir que providenciasse medidas urgentes para aquele hospital.<sup>89</sup> Em junho, o hospital recebeu mais um compartimento que possibilitaria separar a pediatria de outras enfermarias, novas camas e berçários foram enviados pela Fundação Hospitalar de Brasília.<sup>90</sup>

A precariedade do atendimento em saúde, no ano de 1963, aparece em alguns eventos registrados pelo jornal. Segundo matéria publicada em maio, mais de três crianças morriam diariamente em Sobradinho por desnutrição e subnutrição.<sup>91</sup> Em março, um morador de Sobradinho morreu por falta de atendimento depois de sofrer um ataque cardíaco: não havia atendimento no posto da SAMDU, nem no hospital de Sobradinho, e o paciente morreu no caminho para o hospital do Plano Piloto. A família e outros moradores cobravam a quem se deveria a responsabilidade pelo ocorrido.<sup>92</sup> Em contraste com essa ocorrência, em julho o jornal informa que as unidades volantes da Rede Hospitalar de Brasília têm prestado relevantes serviços à população de toda área do DF, uma dessas se encontrava em Sobradinho, sendo adaptadas para os atendimentos de rotina a qualquer emergência contando com um médico, um cirurgião dentista e pessoal especializado.<sup>93</sup>

As notícias registram que o ano de 1964 representou algum progresso para os serviços de saúde da cidade. O hospital de Sobradinho estava sendo ampliado, pois

---

<sup>88</sup>Correio Braziliense n.249, 12 de fevereiro de 1961, p.08

<sup>89</sup> Correio Braziliense n.628, 25 de Maio de 1962, p.06

<sup>90</sup> Correio Braziliense n.637, 06 de Junho de 1962, p.06

<sup>91</sup>Correio Braziliense n.908, 03 de Maio de 1963, p.08

<sup>92</sup>Correio Braziliense n.872, 19 de Março de 1963, p.07

<sup>93</sup>Correio Braziliense n.977, 25 de Julho de 1963, p.08

atendia em média 100 pessoas. Os casos mais comuns eram de desnutrição infantil, em proporções alarmantes, mantendo a situação registrada no ano anterior.<sup>94</sup>

Por outro lado, matéria do jornal,<sup>95</sup> em maio de 1964, comemorava a primeira cirurgia realizada no Hospital Rural de Sobradinho; antes, todos os casos sérios eram transferidos para o Hospital Distrital de Brasília, no Plano Piloto. Outra matéria<sup>96</sup> informava sobre a instalação, também no mês de maio, do centro cirúrgico e de um laboratório completo, além do aumento do número de consultas e da ampliação dos leitos do hospital, e ainda a recuperação e aquisição de novos equipamentos. Em novembro, o jornal noticiava a previsão da construção de dois hospitais, um localizado na cidade de Sobradinho e outro no Gama, cujos projetos já estavam prontos, aguardando apenas a burocracia da administração pública.<sup>97</sup>

O Hospital Rural de Sobradinho, no período entre janeiro e março de 1965, contou com 40 doadores,<sup>98</sup> mas o banco de sangue sofria com os problemas de infraestrutura: devido a um defeito em um transformador localizado na Q-01, a cidade ficou às escuras e grande quantidade de sangue estragou, ocasionando sérios prejuízos.<sup>99</sup>

Poucas foram as matérias que relataram a situação da saúde em 1966. Segundo dados da Secretaria de Saúde da Prefeitura, o Hospital de Sobradinho assistiu a 2300 pessoas nas enfermarias, 1259 partos, 748 cirurgias, 17.756 pessoas no ambulatório, 4157 no ponto socorro, 8140 no laboratório de análises clínicas, 4885 no gabinete dentário, 37.938 na enfermagem e 801 anestésias, o banco de sangue atendeu a 607 pacientes, as ambulâncias a 7.683, tendo 38 óbitos.<sup>100</sup>

Em Agosto de 1966, o Hospital de Sobradinho foi entregue à Universidade de Brasília, visando integração da medicina preventiva com curativa, estando regulada pelo convênio que o secretário da saúde Dr. Pinheiro Rocha assinou com o reitor Laerte Ramos.<sup>101</sup>

A Unidade Integrada de Saúde de Sobradinho (UISS) ampliou suas atividades, sendo responsável pela promoção, manutenção e recuperação da saúde da população, sendo indispensável trabalhar com outros setores da comunidade como: escolas, centros

---

<sup>94</sup> Correio Braziliense, n.1145, 14 de fevereiro de 1964, p.08

<sup>95</sup> Correio Braziliense, n.1209, 03 de Maio de 1964, p.03

<sup>96</sup> Correio Braziliense, n.1217, 13 de Maio de 1964, p.08

<sup>97</sup> Correio Braziliense, n.1369, 08 de Novembro de 1964, p.08

<sup>98</sup> Correio Braziliense, n. 1473, 13 de março de 1965, p.03

<sup>99</sup> Correio Braziliense, n.1673, 12 de novembro de 1965, 08

<sup>100</sup> Correio Braziliense, n. 1826, 19 de maio de 1966, p.09

<sup>101</sup> Correio Brasiliense, n. 1964, 29 de outubro de 1966, p.06

de convivência comunitária e instituições religiosas.<sup>102</sup> A Unidade Integrada contava com apoio técnico e financeiro proporcionado por um convênio entre o Ministério da Saúde e a Universidade de Brasília. Esse convênio propiciou à Unidade Integrada de Saúde a execução do programa de saúde na comunidade local, estando incluída a construção de um centro nutricional.<sup>103</sup>

No ano de 1969, Sobradinho recebeu mais 19 médicos residentes. No mês de março, setenta e sete alunos de medicina estariam voltando e mais 96 alunos, do 4º ano do curso, passariam a integrar a Unidade Integrada de Saúde de Sobradinho (UISS).<sup>104</sup>

Diversos hospitais integrantes da rede hospitalar do Distrito Federal atenderam cerca de 380 mil pessoas, em suas clínicas. Em Sobradinho, a Unidade Integrada de Saúde atendeu, no mesmo período de 1969, a 48 mil pessoas que incluía maternidade e internações. Atenderam aproximadamente, 30 mil, sendo 7 mil para cirurgias diversas, o que atestou elevado índice de atendimentos.<sup>105</sup>

## **2. Educação e Cultura**

Brasília, na efervescência de sua criação, atraiu pessoas de todas as regiões. A maioria em busca de trabalho nas construções civis, que estavam acontecendo. A migração foi mais intensa da região Nordeste, embora alguns homens trouxessem suas famílias, a maioria deles vinham sozinhos para tentarem melhores condições de vida. Essas pessoas, em sua maioria, possuíam um baixo nível de escolaridade, seus filhos precisavam estudar, e também, de moradia, por isso, foram alocadas em cidades satélites como: Taguatinga, Sobradinho e Núcleo Bandeirante. Tal pluralidade trouxe para Brasília uma grande diversidade cultural: todos os sotaques, culturas e tradições se misturavam na construção da nova capital.

Sobradinho já recebia, em maio de 1960, os irmãos maristas, Ernesto e Januário, iniciariam imediatamente a construção de uma escola para ambos os sexos.<sup>106</sup> Em agosto, foi publicado pelo Correio Braziliense que Ernesto Silva apresentou à Diretoria da

---

<sup>102</sup> Correio Braziliense n. 2632, 16 de julho de 1968, p.10

<sup>103</sup> Correio Braziliense n.2669, 29 de agosto de 1968, p.10

<sup>104</sup> Correio Braziliense n. 2780, 09 de janeiro de 1969, p.07

<sup>105</sup> Correio Braziliense n. 2994, 17 de setembro de 1969, p.08

<sup>106</sup> Correio Braziliense n.28, 22 de Maio de 1960, p.07

Novacap propostas referentes ao ensino: construção de seis escolas-classe e um jardim de infância.<sup>107</sup>

Somente em maio de 1961, foi inaugurada a escola classe de Sobradinho, sob direção do diretor Hildevandro Silva. A escola possuía dez salas de aula, onde iriam trabalhar 16 professores nos dois turnos. Cerca de 800 crianças foram atendidas, contemplando a todas as crianças que haviam procurado por matrícula.<sup>108</sup>

Em outra reportagem do CB,<sup>109</sup> foi divulgado que havia 12 turmas do primeiro ano, quatro da segunda série, três da terceira série e uma da quarta série, o número de analfabetos da cidade era grande. A escola classe 07 de Sobradinho, em novembro estava com o teto que ameaçava desabar, colocava em risco dezenas de crianças, e as autoridades não atenderam as constantes reclamações enviadas por Hildevandro Silva, diretor da escola.<sup>110</sup>

Sobradinho contou com a presença do Secretário da Educação do Distrito Federal, em 1962, que assumiu o compromisso de reformar as escolas e construir mais uma escola classe que estaria pronta até julho.<sup>111</sup> Criou-se a Associação dos Moradores de Sobradinho, e seus integrantes lutaram para que todas as crianças em idade escolar pudessem ter direito à educação. Com a participação de alunos do Plano Piloto, aconteceu um comício estudantil, cuja finalidade era reivindicar melhorias para cerca de duzentos estudantes, cujos pais conseguiram bancar as passagens para do trajeto de Sobradinho para o Plano Piloto, onde davam prosseguimento aos seus estudos, bem como, buscavam uma solução para os outros 400 alunos que ficavam sem estudar por não disporem de meios para custear esse deslocamento.<sup>112</sup>

Em junho de 1962, na Escola Classe, que tinha curso noturno e enfrentou problemas quanto ao orçamento, os professores custearam a compra de querosene para o lampião para não deixar os alunos sem aula.<sup>113</sup>

---

<sup>107</sup>Correio Braziliense n.103, 19 de Agosto de 1960, p.01

<sup>108</sup>Correio Braziliense n.317, 10 de Maio de 1961, p.08

<sup>109</sup>Correio Braziliense n.324, 19 de Maio de 1961, p.08

<sup>110</sup>Correio Braziliense n.481, 23 de Novembro de 1961, p.07

<sup>111</sup>Correio Braziliense n.539, 02 de Fevereiro de 1962, p.09

<sup>112</sup>Correio Braziliense n.565, 09 de Março de 1962, p.05

<sup>113</sup>Correio Braziliense n. 644, 14 de junho de 1962, p.12

Em julho, foi realizado um levantamento pelo IBGE, que demonstrou que mais de 18 mil crianças frequentavam a escola primária no Distrito Federal, sendo que, em Sobradinho, em quatro unidades, havia cerca de 1.349 alunos.<sup>114</sup>

Em fevereiro de 1963, estudantes da UnB anunciavam a criação de mais dois cursos de alfabetização. Sobradinho foi uma das cidades contempladas com a implementação desse segmento.<sup>115</sup>

Dos anos de 1964 até 1969, observou-se nas matérias do Correio Braziliense, uma série de reivindicações para a construção de novas escolas em Sobradinho, como também, para que fossem reformadas as já existentes. Em resposta, recebiam promessas que incluíam desde a construção de um colégio para o ensino ginásial, até a construção de creches para os filhos dos trabalhadores.

### **3. A escola e a cultura**

A escola, entre outras finalidades, também possui a de permitir aos alunos o contato com elementos culturais diversos, produzidos ao longo do tempo pela humanidade. Quando as pessoas começaram a sair de suas casas, de todos os lugares do Brasil, para se instalarem em Brasília, traziam consigo um pedaço do local onde residiam. Santos (1987) declarou a sua impressão sobre a cultura.

A história do homem é marcada pela coexistência de múltiplas culturas. Essa variedade é importante, pois observando as práticas e tradições de outros povos as pessoas podem ser levadas a refletir sobre a coletividade à qual pertencem. (SANTOS, 1987)

A cultura é algo intrínseco ao indivíduo, pois leva consigo experiências, vivências, histórias que são passadas. A educação tem um papel muito importante por estar entrelaçada com os costumes de um povo, seus rituais, religiosidade, enfim, com a história do sujeito em sua região.

Uma das mais importantes manifestações dessa diversidade cultural trazida para a nova capital pelos imigrantes foi a Sociedade Brasiliense de Folclore de Sobradinho. Ela foi criada pelo maranhense Teodoro Freire, que já “mexia” com o Boi no Rio de Janeiro e trouxe a festa, originariamente nordestina, para Brasília. Segundo Mario de Andrade, o Bumba Meu Boi apresenta muitas variantes: Boi Bumbá na Amazônia, Boi

---

<sup>114</sup> Correio Braziliense n. 680, 28 de julho de 1962, p.08

<sup>115</sup> Correio Braziliense n. 837, 03 de fevereiro de 1963, p.09

Suruby no Ceará, Boi de Mamão em Santa Catarina, com coreografias diversificadas e dramáticas, mas o protagonista do espetáculo é sempre o Boi.

Teodoro Freire era funcionário da Universidade de Brasília e contou com o apoio da UnB e de diversos professores para organizar a Sociedade. Ele dividiu as responsabilidades entre duas equipes: a equipe do Plano Piloto ficara encarregada da parte financeira, enquanto a equipe de Sobradinho ficara encarregada de encontrar integrantes para formar o grupo do Bumba Meu Boi.<sup>116</sup>

Encontraram uma área em Sobradinho, onde se instalaram. As pessoas que participavam dos ensaios recebiam ajuda financeira dos professores da Universidade de Brasília. Com o Golpe de 1964, muitos professores saíram da instituição e a falta da ajuda dada pelos docentes fê-los passar por uma crise financeira.<sup>117</sup>

Somente em 1965, o grupo começa a erguer-se gradativamente: Teodoro consegue mostrar que o Boi não tinha nada de subversivo. Entretanto, isso não fora suficiente para evitar que, nos anos seguintes, o grupo sofresse perseguição, ficando sem fundos para a sua manutenção. Em entrevista, realizada por Renato Tarciso Barbosa e Vanderlei Batista, para o acervo de depoimentos orais do Arquivo Público do Distrito Federal, ele diz:

Brasília é uma cidade nova, além de ter passado pelo regime militar que atrapalhou a criação de grupos, de grupos populares, naquela época tudo era comunismo. Então, o regime militar proibia esse desenvolvimento, mas mesmo assim Brasília fez alguma coisa, tem alguma coisa criada. Nós temos muitos pintores muito bons. Aqui em Sobradinho mesmo nós temos um pintor que já ganhou concurso pra ir no exterior, o Toninho de Sousa, nós temos Madame Calil, que há pouco tempo ganhou um concurso de pintura, teve em Paris, nós temos o Arlindo Castro, que é outro grande pintor. Temos outros pintores bons aí, de renome mesmo, mas mesmo assim Brasília ainda é um pouco apagada. Ainda não tá, ainda não tem um desenvolvimento que ela devia ter, mesmo sendo a capital da República. (1998)

Em sua entrevista, ele faz colocações importantes sobre a cultura e a educação: relata que as pessoas se interessam e desejam aprender a língua falada em outros países, mas não querem nas escolas as línguas de seus ancestrais. Cita que os alunos buscam informações sobre o Bumba Meu Boi, somente para pesquisas escolares, depois esquecem de sua existência e que, por esse motivo, o Boi de Sobradinho é um Boi pequenino. Aqui as pessoas, segundo seu relato, valorizam o que vem de fora.<sup>118</sup>

---

<sup>116</sup>Arquivo Público do Distrito Federal, Programa de História Oral, depoimento de Teodoro Freire p.10 (Brasília, 1993)

<sup>117</sup> Teodoro Freire, op. cit., p. 13

<sup>118</sup> Teodoro Freire, op. cit., p.21.



Teodoro fez de tudo para manter seu Boi vivo. Fez amigos que o ajudaram a enfrentar essa caminhada, passaram por dificuldades financeiras, mas conseguiram se manter atuantes. Em 1965, o Correio Braziliense noticiou que o barraco usado como sede perderá o telhado e corria o risco de ter seus equipamentos destruídos.<sup>119</sup>

A escritora, jornalista, tradutora, intérprete e professora Yvonne Jean, atuou nas redações do Correio Braziliense e do Jornal de Brasília. Na coluna “Ensino dia a dia” que depois passou a ser chamada por “Esquina de Brasília,” Yvonne Jean fala sobre a carta enviada em 1967 pelo Teodoro, onde ele relata as dificuldades que tem passado e seus temores de que em junho, nas comemorações, o Boi já não estivesse mais presente, por conta das dificuldades financeiras. Notava-se a preocupação que o jornal tinha em publicar, por diversas vezes, pedidos por ajuda às pessoas para manter, em funcionamento, o Centro Cultural.<sup>120</sup>

Escreveu algumas colunas, como a Ensino Dia a Dia, que tratava, majoritariamente, sobre cultura e educação. Escreveu ainda sobre um centro artesanal chamado “Centro de Desenvolvimento e Organização da Comunidade”, descrevendo e destacando o entusiasmo dos alunos que frequentavam o Centro e como utilizavam as técnicas artesanais para aumentar a renda familiar. Em suas matérias, a jornalista enfatizava a importância do centro cultural para a população.<sup>121</sup>

Importante divulgadora dos diversos eventos da Sociedade Folclórica de Sobradinho – também chamada em sua coluna por Centro Brasiliense de Folclore, Esporte e Tradições Populares de Sobradinho - escrevia sobre os debates, discussões e seus convidados, como exemplo, o professor da UnB Santiago Naud, que havia sido convidado para falar sobre “o Jogo da Capoeira e sua Expressão Musical”;<sup>122</sup> o poeta Euríclides Formiga, que foi convidado para falar sobre a “ternura no cangaço”; uma outra importantes participação foi a do professor da Universidade de Brasília, antropólogo Eduardo Galvão, que falou sobre o Boi Bumbá da região amazônica, e do professor Agostinho da Silva, do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, da UnB que, em diferentes ocasiões, discorreu sobre as festas do Espírito Santo no Maranhão e também sobre os tema “Santa Maria, Portugal e o Brasil” e “Tradições Populares” (seguido de uma apresentação de tambor de crioula). Também participou o ensaísta e sociólogo

---

<sup>119</sup> Correio Braziliense n.1695, 09 de dezembro de 1965, p.09 – 2ºcaderno

<sup>120</sup>Correio Braziliense,14.06.1967, ArPDF, Fundo Yvonne Jean, Cx.03, Maço 01 (YJ.PI.01.A)

<sup>121</sup> Correio Braziliense, 13.12.1963, ArPDF, Fundo Yvonne Jean, Cx.01, Maço 02 (YJ.PI.01.A)

<sup>122</sup> Correio Braziliense, abril 1965, ArPDF, Fundo Yvonne Jean, Cx.02, Maço 06 (YJ.PI.01.A )

timorense Fernando Sylvan, trazido ao Brasil pelo Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, e que discorreu sobre o tema “Nós e a África”.<sup>123</sup>

Uma parte importante da cultura de Sobradinho são as feiras da cidade, que atraem muitas pessoas nos finais de semana. Nas primeiras décadas, foi importante para o desenvolvimento, quando muitos moradores tiravam toda sua renda da feira, criando um vínculo forte com seus clientes.

Sobradinho era uma cidade carente em relação a eventos, teatros ou cinemas, exigindo que a comunidade se desloque para o Plano Piloto em busca de entretenimento. Quando acontece algum evento, os feirantes sentiam-se prejudicados pela sujeira que era deixada pelos participantes, porque a feira era uma das poucas formas de lazer da população.

A Sra Deuselina do Vale Carvalho, em entrevista realizada por Heli Fátima Bonifácio e Marta Meneleu, falou sobre a situação da primeira feira de Sobradinho: era na terra, os feirantes traziam suas barracas e no final, desmontavam novamente. Posteriormente, transferiam os feirantes para um estacionamento que viria a se tornar a feira permanente.

A feira era composta por 82 boxes.<sup>124</sup> Os feirantes começavam a se organizar cerca das 3h30 da manhã. Negociavam, em sua maioria, alimentos, as vendas eram boas, não sobravam frutas para o dia seguinte. Esse período foi marcado pela falta de energia elétrica, fato que dificultava a vida dos feirantes. Mas, nem tudo era dificuldade: a administração oferecia-lhes treinamento, dando ênfase aos prazos de validade dos produtos, tratamento ao cliente. A limpeza era feita por funcionários pagos pela administração. Segundo Deuselina: “a fiscalização, na época, atuava não como inimigo, mas sim, em favor dos comerciantes”.<sup>125</sup>

A criação das feiras modificou a estrutura da cidade e atraiu as pessoas, a feira reuniu quem se dedicava ao comércio ambulante, e para os moradores de Sobradinho não havia mais necessidade de deslocar-se para o Plano Piloto em busca de determinados

---

<sup>123</sup> Correio Braziliense, abril, ArPDF, Fundo Yvonne Jean, Cx.02, Maço 06 (YJ.PI.01.A)

<sup>124</sup> Arquivo Público do Distrito Federal, Programa de História Oral, depoimento de Deuselina do Vale do Carvalho p.15 (Brasília, 2004)

<sup>125</sup> Arquivo Público do Distrito Federal, Programa de História Oral, depoimento de Deuselina do Vale do Carvalho p.16 (Brasília, 2004)

produtos. A feira de Sobradinho é considerada uma das mais tradicionais do Distrito Federal.<sup>126</sup>

---

<sup>126</sup> Um estudo sobre as feiras permanentes de Brasília, Angélica Madeira p.46 (Brasília, 2007)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O surgimento da cidade de Sobradinho – DF foi consequência da construção de Brasília e serviu para abrigar cidadãos que contribuíram na construção da nova capital do Brasil. Com a necessidade de receber moradores transferidos de acampamentos que seriam destruídos e, posteriormente, funcionários públicos, Sobradinho foi uma cidade planejada, assim como Brasília. Ela serviu de apoio, pois a cidade de Taguatinga, a Vila Planalto e o Núcleo Bandeirante não tinham mais lotes para receber os operários e suas famílias, além dos funcionários públicos que também foram contemplados com moradias cedidas pelo governo local ou por diversos órgãos do governo federal.

Entretanto, a cidade construída para receber moradores dos acampamentos começou a enfrentar problemas com moradia, infraestrutura, saúde pública, transporte, segurança e educação. Mesmo sendo planejada, enfrentou problemas recorrentes, como de outras cidades satélites.

Como a cidade estava crescendo, a população passou a reivindicar condições melhores de moradia e serviços públicos. Os moradores se mostravam revoltados pelos poucos ônibus, o excesso de passageiros. Os casos de violência aumentaram com o passar do tempo. O atendimento em saúde, educação, asfaltamento das ruas e abastecimento de água também foram reivindicações da população.

A população carecia de recursos básicos e a cidade ainda estava passando pelo processo de urbanização. Este trabalho se concentrou na situação da cidade na década de 1960. Porém, embora muitas iniciativas tenham sido tomadas pelo poder público nesse período, a população continuou a sofrer muitos problemas nas décadas seguintes. Por exemplo, o problema da moradia.

Na década de 1970, formou-se uma invasão no Ribeirão de Sobradinho. Em 1983, foi realizada uma descrição preliminar da situação socioeconômica da população residente na invasão. Era composta por cerca de 108 famílias ou 657 pessoas que viviam em situação de moradia precária; 2/3 moravam em barraco próprio, não pagavam aluguel e nem viviam em barraco emprestado. As moradias eram precárias, com paredes construídas de retalhos de madeira e latas, o teto construído por pedaços de madeira e o piso batido de cimento ou vermelhão; a maioria dos barracos não possuía janelas. A população sofria com os esgotos que corriam a céu aberto e com a falta de energia. A

estrutura do terreno era plano e, em decorrência da proximidade com o Ribeirão, era bem servido de água, existindo inclusive, vários “olhos d’água” no interior da invasão, mas utilizava dos recursos oferecidos por Sobradinho.<sup>127</sup>

Essas famílias já moravam no Distrito Federal há um tempo considerável, o que descartou ser uma população migrante. Dessas famílias, 2/3 não trabalhavam com vínculo formal, 50,9% preferiam morar em Sobradinho, 27,7% preferia continuar na invasão, enquanto 12% preferia morar em áreas próximas. A maioria da população queria lote, água e esgoto, os demais queriam casa pronta financiada.<sup>128</sup>

A renda dos moradores não passava de um salário mínimo, cerca de 21,4% das pessoas trabalhavam (mais de 2/3 não trabalhava mediante contrato formal) e 1,8% eram aposentados. Os trabalhos eram: serviço doméstico, construção civil, costureira, manicure, bordadeira, barbeiro e outros. Quanto a escolarização 37,8% estavam cursando o 1º grau, apenas 2,1% estavam no 2º grau e 0,4% estava no supletivo do 1º grau.<sup>129</sup>

O governo só veio a tomar providências quanto a essa invasão e à invasão do Lixão de Sobradinho, também formada na década de 1970 e que em muitos pontos se assemelhava a invasão do Ribeirão de Sobradinho, no ano de 1983 por meio do projeto PROMORAR BRASÍLIA, projeto este que teve como finalidade a venda de lotes urbanizados ao invasor. Definiu-se um perfil do invasor, por meio do levantamento citado acima, e chegou-se à conclusão de que essas pessoas não possuíam renda para comprar uma casa. Dessa forma, o governo optou por dividir o projeto em três fases.

A primeira fase constaria da urbanização estritamente necessária, água, luz, esgoto e arruamento, com financiamento do candidato a um lote. A segunda fase seria realizada com a implantação de melhorias na infraestrutura e com financiamento suplementar para a construção de uma unidade habitacional, com área a ser definida pela situação socioeconômica de cada morador. A terceira fase seria realizada com outras melhorias, tais como equipamentos comerciais e comunitários, na própria área ou em seu entorno,

---

<sup>127</sup> Fundo Novacap, Descrição Preliminar da situação socioeconômica da população residente na invasão do Ribeirão de Sobradinho, Governo do Distrito Federal Secretaria de Serviços Sociais Grupo Executivo para assentamento de favelas e Invasões – p. 09 (Brasília, 1983)

<sup>128</sup> Fundo Novacap, Descrição Preliminar da situação socioeconômica da população residente na invasão do Ribeirão de Sobradinho, Governo do Distrito Federal Secretaria de Serviços Sociais Grupo Executivo para assentamento de favelas e Invasões – p.17 (Brasília, 1983)

<sup>129</sup> Fundo Novacap, Descrição Preliminar da situação socioeconômica da população residente na invasão do Ribeirão de Sobradinho, Governo do Distrito Federal Secretaria de Serviços Sociais Grupo Executivo para assentamento de favelas e Invasões – p.20 (Brasília, 1983)

além de complementação das unidades habitacionais que não pudessem ser acabadas por motivo da situação econômica dos seus moradores.<sup>130</sup>

Em comparação entre os anos 1960 e a atualidade de 2019, é possível perceber que os problemas se repetem, o crescimento da população, invasões, falta de infraestrutura, segurança, moradia, saúde, educação são assuntos frequentes da mídia e temas de protestos da sociedade.

Vale ressaltar que a administração sem um planejamento contribui para a má distribuição de recursos e atrapalha o desenvolvimento positivo da cidade. Às vezes, como em Brasília, o planejamento é excludente. O crescimento demográfico e suas consequências não é somente problema da cidade de Sobradinho, e a interferência de ações ilícitas pelos governantes tem agravado a falta de recursos e diminuído as melhorias que seriam necessárias.

Este trabalho pretendeu contribuir para o conhecimento da história de Sobradinho e espera que motive outras pesquisas acadêmicas com esse propósito.

---

<sup>130</sup> Fundo Novacap, projeto Promorar Brasília, Governo do Distrito Federal Secretaria de Serviços Sociais Grupo Executivo para assentamento de favelas e Invasões – p.10 (Brasília, 1983)

## FONTES E REFÊRENCIAS

### Fontes:

CARVALHO, Deuselina do Vale. **Depoimento – Programa de História Oral**. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2004.

FRERE, Teodoro. **Depoimento - Programa de História Oral**. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1988.

Fundo Yvonne Jean – Arquivo Público do Distrito Federal

Jornal Correio Braziliense, disponível no site <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

### Referências:

CORDEIRO, Gleison Fernando Lima. O processo de Desapropriação da Vila Amaury (1959-1960)

**IBGE. Brasil. Censo Demográfico**. Volume 1. Distrito Federal, 1970. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=769&view=detalhes>

Fundo Novacap, projeto Promorar Brasília, Governo do Distrito Federal Secretaria de Serviços Sociais Grupo Executivo para assentamento de favelas e Invasões – (Brasília, 1983)

MEIRA, Affonso Renato. Levantamento Geral da 5ª Região Administrativa do Distrito Federal. Universidade de Brasília, faculdade de ciências médicas. (1966).

VASCONCELOS, Adirson. As Cidades Satélites de Brasília, Brasília (1988)

## **DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE**

Eu, Lorrane Ribeiro de Souza, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “ A formação de Sobradinho (DF): A primeira década da cidade satélite nos registros da imprensa (1960-1969)” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou Universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 13 de Fevereiro de 2020.

---

Lorrane Ribeiro de Souza